

## **2.1.2 Relativismo: uma nova visualização da verdade e do bem**

João Felipe Trevisan; Luiz Felipe Matta Ramos

Relativismo: uma nova visualização da verdade e do bem

J.F. TREVISAN<sup>1</sup>; L.F.M. RAMOS<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Graduando em Filosofia do Centro Universitário Ítalo Brasileiro.

<sup>2</sup> Docente do Centro Universitário Ítalo Brasileiro. Psicanalista, Pesquisador e Coordenador dos Cursos de Teologia e Filosofia do Centro Universitário Ítalo Brasileiro.

## RESUMO

Uma visualização cada vez mais utilitária e pragmática do universo, a partir do século XIV, despertou no ser humano um interesse sempre crescente para as realidades materiais e concretas. É inegável que os conceitos mais atingidos por esta “nova” visualização foram o de Verdade e o de Bem, dado a grande importância que exercem na vida humana. Uma das principais correntes ideológicas que procurou fornecer uma nova interpretação destas noções foi o Relativismo. Analisar o Relativismo como negação dos fundamentos metafísicos da verdade e do bem é o objetivo deste ensaio filosófico. Procurou-se estudar o conceito de Relativismo, seguido das principais formas com que ele se apresenta e dos erros metafísicos a que ele está sujeito. Por fim, faz-se uma análise do desenvolvimento do Relativismo em três momentos essenciais da história da filosofia: a transição pós-escolástica, a era moderna e a pós-modernidade.

**Palavras chave:** Relativismo, Verdade, Bem, Metafísica

## **ABSTRACT**

An increasingly utilitarian and pragmatic view of the universe, from the 14<sup>th</sup> century onwards, aroused in human beings an ever-increasing interest in material and concrete realities. It is undeniable that the concepts most affected by this “new” visualization were that of Truth and Good, given the great importance they have in human life. One of the main ideological currents that sought to provide a new interpretation of these notions was Relativism. Analyzing Relativism as a denial of the metaphysical foundations of truth and good is the objective of this philosophical essay. We attempted to study the concept of Relativism, followed by the main forms in which it presents itself and the metaphysical errors to which it is subject. Finally, an analysis is made of the development of Relativism in three essential moments in the history of philosophy: the post-scholastic transition, the modern era and post-modernity.

**Keywords:** Relativism, Truth, Good, Metaphysics

## 1 INTRODUÇÃO

A mentalidade superficial e o modo de agir inconsequente permeiam a vida dos homens de hoje. Inúmeras vezes, indagado sobre os motivos que o levam a aderir determinada doutrina ou a tomar certa atitude, o homem contemporâneo afirma ignorá-los.

Qual a razão disto? Alguns poderiam responder: desconhecimento fortuito. Outros talvez preferissem afirmar: negligência ocasional. Nota-se, entretanto, que ambas as respostas estão longe de serem satisfatórias, já que o problema em questão é bem mais profundo do que parece à primeira vista, pois refere-se principalmente à ausência de princípios que dirijam o pensamento e a ação humana.

Uma visualização cada vez mais utilitária e pragmática do universo, a partir do século XIV, despertou no ser humano um interesse sempre crescente para as realidades materiais e concretas. Porém, isto acarretou em uma exclusão, ainda que paulatina, de tudo aquilo que transcendia o universo visível, ou seja, das realidades espirituais e metafísicas. Um papel importante nesta transformação coube à filosofia, principalmente à moderna e à contemporânea.

É inegável que os conceitos mais atingidos por esta “nova” visualização foram o de Verdade e o de Bem, dado a grande importância que exercem na vida humana. Uma das principais correntes ideológicas que procurou fornecer uma nova interpretação destas noções foi o Relativismo.

Analisar como esta doutrina exclui os fundamentos metafísicos da Verdade e do Bem será o objetivo deste ensaio filosófico que usou, como principais fontes bibliográficas, além das diversas obras de Santo Tomás, o contributo de seus comentadores, dentre os quais se destacam Étienne

Gilson, Antonin-Gilbert Sertillanges, Jacques Maritain e Battista Mondin. Este trabalho também se servirá de alguns escritos recentes sobre o Relativismo, extraídos principalmente do extenso legado de Joseph Ratzinger, o qual tem o mérito de ser o mais profícuo autor sobre este assunto na pós-modernidade.

## 2 DESENVOLVIMENTO

O século XIII ficará para sempre conhecido pelo seu caráter paradoxal. De um lado, foi o ponto auge onde culminou o pensamento escolástico. Mas de outro, marcou o início de uma nova era para a filosofia, assinalada por uma visualização cada vez menos metafísica e mais empírica, cujo estudo já não atingia as realidades transcendentais, mas se circunscrevia aos limites do ser humano, gerando posteriormente o que se denominou humanismo, precursor da filosofia Moderna.

A exclusão dos princípios metafísicos, sobretudo dos conceitos de Verdade e de Bem, implicaria necessariamente que o homem fosse o próprio parâmetro tanto para o seu pensamento quanto para a sua ação, e para isso, a objetividade cederia lugar ao subjetivismo, e o absoluto ao relativo e assim seria “decretado, pela própria filosofia, o fim da metafísica! E foi por este fim que a razão filosófica dobrou-se sobre si mesma e ‘deixou de olhar para o alto’”.<sup>1</sup>

Tal atitude seria correlata ao humanismo emergente, cujo erro principal, é expresso por Maritain nos seguintes termos: “o vício radical do humanismo antropocêntrico foi de ser antropocêntrico e não de ser

---

<sup>1</sup> ARRUDA, Lucia Cavalcante Reis. A relação entre *veritas* e *caritas* em conformidade com as observações de Joseph Ratzinger. In: HOHEMBERGER, Gilcemar (Org.); ASSUNÇÃO, Rudy Albino de (Org.). *O primado do amor e da verdade: o patrimônio espiritual de Joseph Ratzinger*. São Paulo: Fons Sapientiae, 2016, p. 278.

humanismo”.<sup>2</sup> Neste mesmo sentido, completa Joseph Ratzinger que “um humanismo que exclui Deus é um humanismo desumano”.<sup>3</sup>

Para justificar uma radical mudança em relação à filosofia medieval, será preciso desenvolver um novo corpo doutrinário, por vezes antagônico e contraditório, que desfechará numa consideração inovadora da Moral; pois o pensamento humano deve estar sempre em concordância com o seu *modus vivendi*, tal como se encontra na frase célebre de Paul Bourget: “Cumprir viver como se pensa, sob pena de, mais cedo ou mais tarde, acabar por pensar como se viveu”.<sup>4</sup>

Seria inoportuno e excessivo fazer uma análise da história da filosofia pós-medieval no seu conjunto, porém, em alguns traços gerais caberia um estudo, cujo objetivo é identificar o papel do Relativismo enquanto contraposição das noções metafísicas de Verdade e de Bem. Foram para isto, escolhidos três grandes momentos da história da filosofia: o primeiro, englobará alguns dos pensadores da transição pós-escolástica; o segundo se deterá nos dois principais filósofos modernos – Descartes e Kant; o terceiro, buscará analisar a continuidade do Relativismo na atualidade, servindo-se para isto, dos abundantes aportes de Joseph Ratzinger, o mais profícuo autor contemporâneo sobre o tema e da contribuição de Plínio Corrêa de Oliveira, pelo seu grande papel na história brasileira, no século passado.<sup>5</sup>

---

<sup>2</sup> MARITAIN, Jacques. *Humanisme Intégral: Problèmes temporels et spirituels d'une nouvelle chrétienté*. Ouvres Complètes. Paris: Saint Paul, 1990, v. 6, p. 322.

<sup>3</sup>BENTO XVI. *Caritas in Veritate*, n. 78. Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf\\_ben-xvi\\_enc\\_20090629\\_caritas-in-veritate.html](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html). Acesso em: 07 de nov. de 2017

<sup>4</sup> BOURGET, Paul. *Le Démon du Midi*. Paris : Librairie Plon, 1914, v. 2, p. 375.

<sup>5</sup> Sobre o pensamento filosófico de Plínio Corrêa de Oliveira, convém acrescentar o seguinte trecho de uma obra recentemente publicada pela *Libreria Editrice Vaticana*: “Dr. Plínio visava reavivar o senso do ser da humanidade, reconstituindo os fundamentos morais corroídos pela

Antes de tudo, se tratará do conceito de Relativismo com suas principais formas de manifestação e das suas contradições metafísicas, para depois identificá-lo historicamente.

## 2.1 O conceito de Relativismo

O Relativismo não é uma doutrina recente, sua origem remonta à filosofia de Protágoras de Abdera (491-481 a.C.), o qual, segundo afirma Reale, “pretendia negar a existência de um critério absoluto que discrimine Ser e não-ser, verdadeiro e falso”.<sup>6</sup> Assim, o fundador dos sofistas desconsiderava qualquer valor transcendente da Verdade, bem como as noções elementares de Ser e não ser. Onde se fundamenta, então, a Verdade? Conclui ele haver um “único critério [que] é somente o homem, o homem individual”.<sup>7</sup> Desta maneira, apregoa um profundo subjetivismo que o leva inclusive, a adotar como máxima de sua doutrina, a imortal sentença: “o homem é a medida de todas as coisas”.<sup>8</sup>

Passando do âmbito histórico para a sua concepção popular, o Relativismo é muitas vezes expresso através da consideração unívoca, isto é equivalente, das diversas culturas, das diferentes ideias e opiniões – inclusive daquelas que são radicalmente antagônicas – e que por isso proporciona graves consequências, principalmente no campo metafísico.<sup>9</sup>

---

mentalidade revolucionária, tais como: o princípio de identidade e o princípio de contradição, ou seja, o que é, é, o que não é, não é; o bem deve ser feito, o mal deve ser evitado; o belo deve ser admirado, o feio deve ser rejeitado, etc”. (CLÁ DIAS, João Scognamiglio. *O dom de sabedoria na mente, vida e obra de Plínio Corrêa de Oliveira*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, São Paulo: Instituto Lumen Sapientiae, 2016, v. 3, p. 527.)

<sup>6</sup> REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da Filosofia*: Filosofia pagã antiga. Trad. Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2003, v. 1, p. 77.

<sup>7</sup> Loc cit.

<sup>8</sup> PROTÁGORAS. Fragmenta, n. 1. In: *Die Fragmente der Vorsokratiker*. Diels-Kranz (DK), 80B1, l. 6-7.

<sup>9</sup> Cf. MADUREIRA. Op. cit., p. 24.

O Relativismo, porém, não constitui uma corrente filosófica desarticulada das demais. Na realidade ele é muito mais genérico e difuso do que se pode pensar à primeira vista. Isto se torna patente, ao considerar, por exemplo, que dele se utilizaram os sofistas, os céticos, os pragmáticos, os positivistas e também os racionalistas.

Contudo, apesar das suas manifestações multiformes, não é difícil identificá-lo, basta considerar que seu objetivo é definido por um “sério golpe contra todas as formas de dogmatismo, introduzindo uma nova relação na verdade”,<sup>10</sup> tal como explica Basset.

Regido por um novo conceito de Verdade – cabe lembrar que às vezes nega inclusive a real existência da mesma – o Relativismo atinge também outras ideias dela decorrentes, especialmente o conceito de Bem, já que conforme assevera Ratzinger:

O bem e a verdade são inseparáveis entre si. É fato que somente fazemos o bem quando estamos em harmonia com a lógica interna da realidade do nosso próprio ser. Atuamos bem, quando o sentido de nossa ação é congruente com o sentido de nosso ser, ou seja, quando falamos a verdade e a realizamos. Em consequência, fazer o bem conduz necessariamente ao conhecimento da verdade. Quem não faz o bem, se cega também à verdade.<sup>11</sup>

Assim sendo, para os relativistas o conceito de Verdade, e conseqüentemente o de Bem, são mutáveis do mesmo modo que são os trajes – para utilizar a mesma metáfora de Joseph Ratzinger –,<sup>12</sup> estando

---

<sup>10</sup> abag, p. 255.

<sup>11</sup> RATZINGER, Joseph. Entrevista. In: ANTÚNEZ ALDUNATE, Jaime. *Crónica de las ideas: en busca del rumbo perdido*. Madrid: Encuentro Ediciones, 2001, p. 150.

<sup>12</sup> Cf. BLANCO SARTO, Pablo. *Joseph Ratzinger razón y cristianismo: la victoria de la inteligencia en el mundo de las religiones*. Madrid: Rialp, 2005, p. 134.

por isso, à mercê de qualquer indivíduo que lhes atribua uma nova interpretação, portanto, sujeitos às épocas históricas e à versatilidade do tempo. Em contraposição a este pensamento, conclui o mesmo autor que “não é a verdade que deve ser regida pelo tempo, senão o tempo pela verdade”.<sup>13</sup>

Em suma, uma visão satisfatória do Relativismo deveria abranger os seus dois aspectos, tanto na sua generalidade, quanto a sua individualidade. A primeira, referindo-se à sua genérica e imensurável expansão. A segunda voltando-se ao que constitui o cerne de sua doutrina, ou seja, a desconsideração de qualquer valor absoluto e metafísico que fundamente o conceito de Verdade, e em sua extensão, o de Bem.

Ademais, cabe acrescentar que o Relativismo está associado ao que vem a ser o cerne da terrível crise contemporânea, a qual, sem dúvida, esteve em germe no pensamento moderno e que abarca segundo ressalta Basset, todos os planos da existência humana:

O Relativismo corresponde à profunda crise de identidade e de significação pela qual atravessa a civilização ocidental contemporânea nos planos cognitivo, ético e existencial. Isto se traduz no abandono de todo o discurso metafísico e na renúncia das ciências humanas. 14

## 2.2 As formas de Relativismo

Como já foi explicado, o Relativismo se apresenta de diversas formas distintas, sem, entretanto, perder aquilo que tem de essencial e de comum. Não caberia neste trabalho uma análise exaustiva de todas as suas manifestações, até porque muitas delas são mescladas, e, por isso,

---

<sup>13</sup> Loc. cit.

<sup>14</sup> BASSET. Op. cit., p. 253.

interagem umas com as outras.<sup>15</sup>

Contudo, na tentativa de uma classificação mais sucinta destas formas, tem especial destaque a que foi proposta por Demétrio Neri, cujos traços essenciais serão expostos aqui.

Ele assegura que o Relativismo, se for analisado do ponto de vista teórico, pode ser dividido em duas formas mais preeminentes, qualificadas como: relativismo subjetivista e relativismo convencionalista.<sup>16</sup>

A primeira, subjetivista, defende que toda ação ou juízo são corretos somente se coincidem com aquilo que o próprio agente crê ser certo, e de modo inverso, são tidos por errados se estiverem em desacordo com a crença pessoal. Esta posição acaba por induzir à uma infalibilidade moral, pois atribui ao próprio indivíduo o caráter de princípio regulador da moralidade. Assim sendo, o relativismo subjetivista se opõe a uma realidade evidente: a existência do desacordo moral, pois se cada indivíduo é o parâmetro para si mesmo, estão extintas as divergências entre os diversos modos de pensar e de agir.<sup>17</sup>

A convencionalista, que constitui a segunda forma mais preponderante do Relativismo, é – de certo modo – mais abarcadora do que a primeira, já que “consiste em afirmar que a validade ou verdade das normas, dos princípios ou valores morais é relativa às formas históricas de sociedades e de culturas”.<sup>18</sup>

Admitir tal consideração implicaria na subordinação da Verdade aos

---

<sup>15</sup> Uma classificação mais detalhada das diferentes formas de Relativismo pode ser encontrada na seguinte obra: FUENTES, Miguel Ángel. *Las Verdades Robadas*. Nueva York: IVE Press, 2006, p. 17-25.

<sup>16</sup> Cf. NERI, Demétrio. *Filosofia Moral*: Manual introdutivo. Trad. Orlando Soares Moreira. São Paulo: Loyola, 2004, p. 95.

<sup>17</sup> Cf. Loc. cit.

<sup>18</sup> Loc. cit.

costumes vigentes em cada época, região ou lugar, e, principalmente, à opinião social. Porém, a Verdade, prescindida de qualquer sólido fundamento, estaria sujeita à mutabilidade e à versatilidade da opinião, variando assim, tanto quanto aquela.

Por fim, é notório que de ambas as formas, o Relativismo significa, conforme assinala Ratzinger, a atitude de “deixar-se levar ‘aqui além por qualquer vento de doutrina’”.<sup>19</sup>

### 2.3 As contradições metafísicas do Relativismo

Por meio de uma análise sob o enfoque da Metafísica, certifica-se que o Relativismo é por si só insustentável e contraditório.

É insustentável porque se desvincula da verdade, ora por meio da sua completa negação, ora através de uma concepção pluralista que possui da mesma. Como esclarece Ratzinger o fato de “renunciar à verdade pressupõe renunciar aos fundamentos”,<sup>20</sup> de onde se conclui que a teoria relativista prescinde do principal elemento de sustentação que é a objetividade da Verdade. Atingida esta noção elementar do conhecimento humano, desarticula-se todas as outras que dela dependem e nela se fundamentam, rompendo assim com uma exigência natural do homem, tal como se encontra exposto na *Fides et Ratio*:

[É necessária] uma filosofia de alcance **autenticamente metafísico**, isto é, capaz de transcender os dados empíricos para chegar, na sua busca da verdade, a algo de absoluto, definitivo, básico. Trata-se duma exigência implícita tanto no conhecimento de tipo sapiencial, como de

---

<sup>19</sup> RATZINGER, Joseph. *Homilia do Cardeal Joseph Ratzinger*. Missa Pro Eligendo Romano Pontifice. 18 de Abril de 2005. Disponível em: [http://www.vatican.va/gpII/documents/homily-pro-eligendo-pontifice\\_200504\\_18\\_po.html#top](http://www.vatican.va/gpII/documents/homily-pro-eligendo-pontifice_200504_18_po.html#top). Acesso em: 10 out. 2017.

<sup>20</sup> RATZINGER, Joseph. *Dios y el mundo: Creer y vivir en nuestra época*. Barcelona: Galaxia Gutenberg-Círculo de Lectores, 2002, p. 246-247.

caráter analítico; de modo particular, **é uma exigência própria do conhecimento do bem moral**, cujo fundamento último é o sumo Bem, o próprio Deus.<sup>21</sup>

O caráter contraditório do Relativismo é encontrado na negação do princípio de não-contradição, já que para os adeptos desta teoria, aquele que é considerado como o mais seguro de todos os princípios – conforme foi explicado no capítulo anterior – perde completamente a sua validade.

A negação do princípio de não-contradição não é tida somente como algo etéreo e desvinculado da realidade, mas abarca as aplicações deste princípio nos âmbitos morais, culturais, sociais e religiosos, gerando por isso na sociedade humana a ambiguidade e o absurdo, isto é, o Relativismo.<sup>22</sup>

Desta maneira, afirma Madureira que “o perigo do relativismo manifesta-se justamente quando [...] se dá o passo para a negação da filosofia e para um materialismo absoluto que nega a transcendência do conhecimento racional orientado à descoberta de princípios objetivos como a verdade, o justo e o bom”.<sup>23</sup>

Em consequência, o conceito de bem passará a ser visto somente em seu aspecto material, isento de uma base ontológica. Acrescenta o mesmo autor: “Todas as concepções de Bem são um produto relativo determinado pela circunstância material e sempre passível de ser ‘desconstruído’ pela explicação histórica”.<sup>24</sup>

---

<sup>21</sup> JOÃO PAULO II. *Fides et Ratio*. n. 83. Disponível em : [http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/en/cyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_14091998\\_fides-et-ratio.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/en/cyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091998_fides-et-ratio.html). Acesso em: 05 de nov. de 2017. (Grifo nosso).

<sup>22</sup> Cf. SOCIEDAD ESPAÑOLA DE DEFENSA DE LA TRADICIÓN, FAMILIA Y PROPIEDAD. *España anestesiada sin percibirlo, amordazada sin quererlo, extraviada sin saberlo*. Madrid: Fernando III el Santo, 1988, p. 41.

<sup>23</sup> MADUREIRA. Op. cit., p. 24.

<sup>24</sup> Ibid., p. 134.

Por fim, fica manifesto que a concepção da Verdade proposta pelo Relativismo e, também do Bem, está em oposição ao conceito tomista. De certa forma, esta nova visualização estará presente no pensamento de vários filósofos que sucederam a Escolástica, como se verá na continuação deste trabalho. Porém, nem sempre se apresentará do mesmo modo: algumas vezes direta e afirmativamente; em outras vezes, marcadas pela sutileza e finura das ideias, e dissimuladas por boas ações. O próprio Santo Tomás já parecia prever estas manifestações, ao afirmar que “onde falta o conhecimento da verdade é falsa a virtude, ainda que acompanhada de bons costumes”.<sup>25</sup>

## **2.4 O Relativismo na transição pós-escolástica**

Para se entender bem como ocorreu a transição da filosofia Escolástica para a Moderna, deve-se ter presente a existência de um processo, ou seja, houve uma passagem gradual da primeira para a segunda. Aos poucos foram tecendo novas considerações que dissociavam a Fé da Razão e, a fortiore, a Teologia da Filosofia. Cabe lembrar, que o pensamento do medieval se associava à sua fé, pois como sustenta Huizinga: “o homem medieval pensa dentro da vida diária da mesma forma que dentro de sua teologia”.<sup>26</sup>

Assim, não tardará muito para que esta distinção – excessivamente acentuada – se torne uma manifesta oposição, ou como se pode ler na *Fides et Ratio*: “a partir da baixa Idade Média, essa distinção legítima entre os dois conhecimentos transformou-se progressivamente em

---

<sup>25</sup> TOMÁS DE AQUINO, Santo. *Suma Teológica* I-II, q. 65, a. 2.

<sup>26</sup> HUIZINGA, Johan. *El otoño de la Edad Media*. Trad. José Gaos. 4.ed. Madrid: Alianza, 1982, p.325.

nefasta separação”.<sup>27</sup>

Uma das principais consequências dessa dissensão foi, sem dúvidas, a busca por uma filosofia cada vez mais sistemática e presa às realidades empíricas, que objetava inclusive acerca do papel da própria razão, dando margem à toda espécie de ceticismo e agnosticismo.<sup>28</sup>

Dessa maneira, também os conceitos metafísicos, sobretudo a Verdade e o Bem, serão contestados, abrindo às portas ao Relativismo, cujos primeiros indícios podem ser encontrados no scotismo, no ockhamismo e também no protestantismo.

## **2.5 O Relativismo nos expoentes da filosofia Moderna**

A filosofia Moderna, propriamente dita, se origina de modo sistemático através do pensamento de Descartes. Dado, como comenta Abbagnano, que “a personalidade de Descartes marca a decisiva viragem do Renascimento para a Idade Moderna”.<sup>29</sup> Mesmo sendo o iniciador desta nova fase da filosofia, Descartes não foi o autor mais profícuo e nem o mais influente da Era Moderna, este papel coube a Kant, e ao seu famoso criticismo.

Desta forma, é impossível analisar o Relativismo nesta época, sem se voltar ao pensamento de ambos os autores. Contudo, seria descabido realizar um estudo cabal de seus numerosos escritos, pois ultrapassaria os limites deste trabalho.

Entretanto, faz-se mister, escolher dentre as múltiplas facetas da filosofia moderna, alguma que englobe e encerre as demais. Por isso, no

---

<sup>27</sup> JOÃO PAULO II. *Fides et Ratio*, n. 45.

<sup>28</sup> Cf. Loc. cit.

<sup>29</sup> ABBAGNANO. Op. cit., v. 6, p. 29.

que se refere a Descartes, será focalizado a sua nova proposta epistemológica. Já no que concerne a Kant, observará em que consistiu a sua revolução copernicana como requisição de uma nova filosofia e o seu novo modelo ético.

## **2.6 Descartes: a dúvida como fundamento epistemológico**

O papel de Descartes teve crucial importância na transição para a filosofia Moderna. Influenciado pelo humanismo, até então vigente, ele desenvolveu seu pensamento tendo como eixo o homem, no seu aspecto racional. Sua atitude é assim descrita por Reale:

Ele assinalou uma reviravolta radical no campo do pensamento pela crítica a que submeteu a herança cultural, filosófica e científica da tradição e pelos novos princípios sobre os quais edificou um tipo de saber, não mais centrado no Ser ou em Deus, mas no homem e na racionalidade humana.<sup>30</sup>

Seu objetivo foi sempre a busca pela verdade. “Descartes é deseioso de uma ciência que lhe indique com certeza o critério para saber distinguir a verdade do erro, e que lhe forneça os elementos válidos para endereçar-se com segurança no caminho da vida”.<sup>31</sup> Como certificar-se dela? É a grande pergunta que ele se faz. Os seus estudos filosóficos, como ele mesmo atesta, só lhe fizeram aumentar ainda mais tais indagações, pois notava que a filosofia tradicional carecia de certezas, e por isso, de um caráter incontestável.<sup>32</sup>

---

<sup>30</sup> REALE; ANTISERI. Op. cit., v. 3, p. 283.

<sup>31</sup> PEROTTO. Op. cit., v. 2, p. 120.: “Cartesio è desideroso di una scienza che gli indichi con certezza il criterio per saper distinguere la verità dell’errore, e che gli fornisca gli elementi validi per indirizzarsi con sicurezza nel camino della vita”.

<sup>32</sup> Cf. KREEFT, Peter. *Sócrates encontra Descartes*. Trad. Gabriel Mellati. Campinas: Vide Editorial, 2012, p. 63.: “A certeza, ou incontestabilidade. Era este o atributo que eu via faltar

A solução apresentada por Descartes era pôr em dúvida tudo o que não fosse sumamente evidente. É o que comprova o seguinte trecho do seu Discurso sobre o Método: “Por desejar então ocupar-me somente com a pesquisa da verdade, pensei que era necessário agir exatamente ao contrário, e rejeitar como absolutamente falso tudo aquilo que pudesse imaginar a menor dúvida”.<sup>33</sup>

Contudo, esta dúvida teria um valor tão universal no conhecimento que não pouparia nem sequer as comprovações matemáticas, as quais eram para ele o melhor parâmetro epistemológico.

Duvidaremos mesmo das demonstrações matemáticas e seus princípios, ainda que estes sejam muito evidentes, pois existem homens que se enganaram meditando a respeito dessas matérias e sobretudo porque ouvimos dizer que Deus, que nos criou, pode fazer quanto lhe agrade.<sup>34</sup>

A argumentação não era nova, pois alude ao voluntarismo escotiano. Tomando em consideração que Deus pode me enganar em algo, por um ato de sua vontade, não está excluída a hipótese de que ele me engane sempre, se assim o quiser. Com isto, Descartes desconsidera o fundamento ontológico da Verdade, assumindo assim uma confessada posição relativista.

Tão forte e marcada é a sua posição perante o conhecimento humano, que Reale não hesita em afirmar que “a [sua] filosofia não é mais a ciência do ser, mas sim a doutrina do conhecimento. Assim, antes de

---

na filosofia tradicional”.

<sup>33</sup> DESCARTES, René. Discurso do Método. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. In: CIVITA, Victor. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. v. 15, p. 54.

<sup>34</sup> DESCARTES, René. *Princípios da Filosofia*. São Paulo: Hemus, 1968, p. 51.

mais nada, a [sua] filosofia se torna gnosiologia”.<sup>35</sup>

A proposta cartesiana pressupõe a dúvida como o primeiro fundamento para a busca da Verdade, a qual não pode ser encontrada nem mesmo por meio dos dados fornecidos pelos sentidos, já que “Descartes afirma que nenhum grau ou forma de conhecimento se subtrai à dúvida. Pode-se, e por isso se deve, duvidar dos conhecimentos sensíveis”.<sup>36</sup> Desta forma, Descartes adota o que denomina de dúvida metódica, cuja ação é expressa em termos contundentes por Perotto: “a dúvida metódica deve proceder como uma máquina que destrói tudo, e não deixa que nada subsista como fundamento da verdade, pois todas as presentes bases do conhecimento se revelam uma causa atual ou possível de engano”.<sup>37</sup>

Existe para Descartes algo que pode ser considerado realmente verdadeiro? A resposta pode ser encontrada em outro trecho do Discurso sobre o Método: “Pensava que deveria também saber em que consistia aquela certeza, e tendo observado que sobre a proposição penso, logo existo não existe nada que me assegure de dizer a verdade, senão o fato que vejo muito claramente, para pensar é preciso existir”.<sup>38</sup> A veracidade deste axioma cartesiano também se encontra expresso nas suas Meditações: “Após ter pensado bastante nisto e ter examinado

---

<sup>35</sup> REALE; ANTISERI. Op. cit., v. 3, p. 293.

<sup>36</sup> ABBAGNANO. Op. cit., v. 6, p. 36. (Grifo do autor).

<sup>37</sup> PEROTTO. Op. cit., v. 2, p. 125.: “Il dubbio metodico, deve procedere come una macchina che distrugge tutto, e non lascia piú sussistere nulla come fonte della verità: perché tutte le presenti basi della conoscenza si rivelano causa d’inganni attuali o possibile”.

<sup>38</sup> Cf. CARTESIO, Renato. *Discurso sul Metodo*. Trad. Giuseppe M. Bonazzi; Giovanna Cairola. Torino: TET, 1960, p. 61.: “Pensai che dovevo anche sapere in che cosa consisteva quella certezza; ed avendo osservato che sulla proposizione *penso dunque sono* non c’è nulla che mi assicuri di dire la verità se non il fatto che vedo molto chiaramente che per pensare bisogna esistere”.

cuidadosamente todas as coisas, cumpre enfim concluir e ter por constante que esta proposição, eu sou, eu existo, é necessariamente verdadeira todas as vezes que eu a enuncio ou que a concebe em meu espírito”.<sup>39</sup>

Contudo, o filósofo francês não foi muito coerente em considerar o próprio ato de pensamento como sendo a primeira evidência. É o que explica Sayes: “Quando Descartes acreditou que o primeiro é o ‘eu penso’, esqueceu que não poderia ter dito isto sem a captação prévia de si mesmo enquanto uma realidade pensante”.<sup>40</sup> Por conseguinte, a filosofia cartesiana se encontrava alicerçada sob uma evidência de segunda ordem,<sup>41</sup> já que a percepção do próprio pensamento não é outra coisa senão um desdobramento da primeira, isto é, a mais evidente apreensão que é a do Ser.

Pode-se dizer que o Relativismo se encontra expresso no cartesianismo, sobretudo, por considerar a dúvida como método universal de conhecimento. Vê-se assim, uma nova concepção da Verdade, mas não só isso: Da dúvida metódica deriva uma exclusão da objetividade do Bem. Esclarece Madureira:

Da dúvida metódica, resvala-se no domínio prático, para a dúvida antropológica característica do relativismo. Isto favorece a inclinação das sociedades contemporâneas, profundamente individualistas, para a rejeição dum padrão moral particular, uma vez que a diversidade cultural e a apologia da liberdade que a caracterizam, tendem a agravar a

---

<sup>39</sup> DESCARTES, René. *Meditações*. In: CIVITA. *Os Pensadores*. v. 15. Op. cit., p. 100.

<sup>40</sup> SAYES, José Antonio. *Teología y Relativismo: Análisis de una crisis de fe*. Madrid: BAC, 2012, p. 115.

<sup>41</sup> Ideia defendida por Sayes, na mesma obra já citada: “Como hemos dicho ya, la evidencia de que yo pienso es una evidencia de segundo orden”. (SAYES. Op. cit., p. 116).

dificuldade em reconhecer um padrão de bem.<sup>42</sup>

É por meio de uma determinação científica da filosofia e na tentativa de obter uma comprovação empírica da mesma que Descartes fornece uma nova interpretação da Metafísica e de seus conceitos.<sup>43</sup> Porém, esta transformação não é muito convincente, como explica Gilson, de modo categórico: “Técnicamente falando, a metafísica de Descartes não era mais do que uma adaptação bagunçada da metafísica escolástica”.<sup>44</sup> Enfim, a problemática em função da certeza, da Verdade e do Bem, iniciada por Descartes e desenvolvida até a pós-modernidade, não pode ser resolvida de outra forma senão pelo retorno a filosofia tomista: “Descartes tentou em vão resolver, mediante o seu famoso método, problemas cuja formulação correta e a solução justa eram inseparáveis do método de Santo Tomás”.<sup>45</sup>

## **2.7 A Revolução Copernicana, a epistemologia e a moral kantiana**

A filosofia de Kant foi certamente a mais influente da Era Moderna. O seu pensamento trouxe algo de inovador, desconhecido até então: o criticismo. Com as suas três grandes críticas, a da Razão Pura, a da Razão Prática e a do Juízo, o filósofo de Königsberg desenvolveu um amplo sistema ideológico, responsável por influir muitos estudiosos da pós-modernidade.

---

<sup>42</sup> MADUREIRA. Op. cit., p. 183.

<sup>43</sup> Cf. Loc. cit.: “A ideia de bem e de justiça, torna-se assim tão hipotética, quanto o estatuto da verdade científica”.

<sup>44</sup> GILSON, Étienne. *Dios y la filosofía*. Trad. Demetrio Náñez. Buenos Aires: Emecé Editores, 1945, p. 20.: “Técnicamente hablando, la metafísica de Descartes no era más que un amaño chapucero de la metafísica escolástica”.

<sup>45</sup> Loc. cit.: “Descartes intentó en vano resolver mediante su famoso método problemas filosóficos cuyo planteamiento correcto y solución justa eran inseparables del método de Santo Tomás”.

Encontra-se, dentro do seu extenso corpo filosófico, algumas elucidações que merecem uma análise mais acurada, sobretudo, porque nelas se apresenta uma nova concepção da Verdade e do Bem, propostas por Kant através da sua Revolução Copernicana e do seu modelo ético.

A sua Revolução, tal ele mesmo a denominou, é definida por Kreeft nos seguintes termos: “No ato de conhecer, o sujeito do conhecimento determina, forma, molda, ou estrutura o objeto do conhecimento, e não vice-versa, como todos haviam pensado. Essa é a minha ‘Revolução Copernicana’”.<sup>46</sup>

Esta posição kantiana visava alterar a antiga teoria acerca do conhecimento humano, até então sustentada pela tradição aristotélica-tomista. É o que assegura Reale: “Essa revolução deu-se mediante um deslocamento do baricentro da pesquisa física dos objetos para a razão humana e com a descoberta de que a razão encontra na natureza aquilo mesmo que nela coloca”.<sup>47</sup> Com esta inovação, o filósofo de Königsberg, voltado mais ao estudo da própria razão do que dos objetos cognoscíveis, admite que estes só podem ser compreendidos pelo intelecto humano, na medida em que possuam algo que é posto pela própria razão antes mesmo do ato do conhecimento. Desta forma: “Kant considera que não é o sujeito que, conhecendo, descobre as leis do objeto, mas sim, ao contrário, que é o objeto, quando é conhecido, que se adapta às leis do sujeito que o recebe cognoscitivamente”.<sup>48</sup>

A epistemologia kantiana, como ressalta Abbagnano, possuía uma

---

<sup>46</sup> KREEFT, Peter. *Sócrates encontra Kant*. Trad. Flávio Quintela. Rev. Isabela Leite. Campinas: Vide Editorial, 2014, p. 46-47.

<sup>47</sup> REALE; ANTISERI. Op. cit., v. 4, p. 358.

<sup>48</sup> Loc. cit.

característica predominante, não só descreditava a transcendência, mas atribuía à experiência um valor fundamental: “A impossibilidade do conhecimento em transcender os limites da experiência torna-se agora base da validade efetiva do conhecimento”.<sup>49</sup> Esta consideração trouxe como consequência inevitável uma completa abolição da Metafísica e dos seus conceitos, já que ela esteve sempre divagando e por isso não ultrapassou a fase pré-científica.<sup>50</sup>

Esta atitude de aversão ao conhecimento metafísico se encontra claramente exposta no início de sua *Crítica à Razão Pura*: “O objetivo desta *Crítica da razão pura especulativa* reside na tentativa de mudar o procedimento tradicional da Metafísica e promover assim uma completa revolução nela segundo o exemplo dos geômetras e investigadores da natureza”.<sup>51</sup>

A visualização da Verdade, proposta por Kant, se contrapõe ao conceito tomista de *adequatio*, essencial na definição da mesma. O rompimento da adequação entre o intelecto e o objeto apreendido, dá margem a uma concepção pluralista da Verdade, a qual possui como único fundamento a razão humana individual. É o que explica Vernaux: “[para Kant] a verdade é o acordo do juízo com as leis imanentes da razão, ou mais simplesmente, o acordo do pensamento consigo mesmo”.<sup>52</sup> Em

---

<sup>49</sup> ABBAGNANO. Op. cit., v. 7, p. 109.

<sup>50</sup> Cf. REALE; ANTISERI. Op. cit., v. 4, p. 358.: “Na metafísica, porém, registra-se um contínuo caminhar tateando e uma grande confusão. Em outras palavras, a metafísica permaneceu na fase pré-científica”.

<sup>51</sup> KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. Trad. Valério Rohden. In: CIVITA, Victor. *Os Pensadores*. Abril Cultural, 1974, v. 25, p. 16.

<sup>52</sup> VERNEAUX, Roger. *Epistemología General o Crítica del Conocimiento*. Trad. Luisa Medrano. 10. ed. Barcelona: Herder, 1999, p. 119.: “La verdad es el acuerdo del juicio con las leyes imanentes de la razón, o más simplemente, el acuerdo del pensamiento consigo mismo”. Ou de forma mais sintética: “La verdad está concebida como una relación inmanente al espíritu”. (Ibid., p. 118)

suma, pode-se concluir que a consideração kantiana dos conceitos metafísicos é pelo menos muito contestável.<sup>53</sup>

Já estudada a Revolução Copernicana de Kant e a sua nova interpretação da Verdade, será preciso entender também os principais elementos da sua Moral, para com isso compreendermos qual é a sua nova visualização a respeito do Bem.

Antes de tudo, deve-se considerar que a Moral kantiana tem como principal fundamento o conceito de dever, como assinala Vernaux:

A moral kantiana é uma ‘moral do dever’. Até então os filósofos tinham fundado a moral sob a ideia de bem. Eles pensavam que uma ação era boa ou má sendo ou não conforme à finalidade natural do homem que o conduz para um fim último, um bem supremo. Ora, esta concepção, diz Kant, longe de fundamentar a moral, a destrói.<sup>54</sup>

Ao basear sua Moral de modo exclusivo no dever, Kant acaba por substituir o conceito de Bem pelo de ‘Obrigação’,<sup>55</sup> o que conduz necessariamente na exclusão de um valor metafísico e na preocupação por atribuir a esta ciência um caráter predominantemente normativo. Desta maneira, resulta que para o filósofo de Königsberg existe uma nova concepção de Bem, expressa, como assinala Kreeft, da seguinte maneira: “o bem é relativo à obrigação moral”.<sup>56</sup>

---

<sup>53</sup> Cf. Id. *Histoire de la Philosophie Moderne*. 11. ed. Paris: Beauchesne et ses fils, 1963, p. 172. : “La conception que Kant se fait de la métaphysique est très contestable”.

<sup>54</sup> Ibid., p. 162.: “La morale kantienne est une ‘morale du devoir’. Jusqu’alors les philosophes ont fondé la morale sur l’idée de bien. Ils pensaient qu’une action est bonne ou mauvaise selon qu’elle est ou non conforme à la finalité naturelle de l’homme qui le port vers une fine dernière, un souverain bien. Or cette conception, dit Kant, loin de fonder la morale, la détruit”.

<sup>55</sup> Esta inovação kantiana se encontra expressa no seguinte trecho, extraído das suas Bases Metafísicas: “Todos devem admitir que, se uma lei deve ser moralmente válida, ou seja, deve ser válida como base da obrigação, então ela deve carregar consigo a necessidade absoluta”. (KANT. *Bases Metafísicas*. Apud: KREEFT, Peter. *Sócrates encontra Kant*. Op. cit., p. 148).

<sup>56</sup> KREEFT. Peter. *Sócrates encontra Kant*. Op. cit., p. 144.

O cumprimento do dever, porém, deve ser visto como uma lei responsável por impor ao ser humano a prática do bem e do mal, conceitos estes que são determinados a posteriori por esta lei moral, como se encontra claramente manifesto na Crítica à Razão Prática: “o conceito do bem e do mal não deve ser determinado antes da lei moral, mas apenas [...] depois dela e por meio dela”.<sup>57</sup>

Com esta afirmação, Kant remodela a antiga concepção moral da linha aristotélico-tomista pela qual a busca do Bem Absoluto precede e determina as leis morais e não o contrário como propõe o filósofo alemão. Madureira expressa esta atitude da seguinte forma:

O fato de Kant ter levado tão ao extremo a aspiração por uma moral “desinteressada”, isto é, exclusivamente comprometida com a obediência à lei do dever (que é a lei moral do imperativo categórico da razão prática) e desligada do eudemonismo contemplado quer na felicidade aristotélica quer na beatitude cristã, acabou por desclassificar todo o gesto ordenado a um bem transcendente.<sup>58</sup>

Na visualização kantiana da Verdade e do Bem, o papel exclusivo da razão humana é acentuado de modo determinante, tanto para o verdadeiro quanto para o bom. “Kant não está interessado em estabelecer o que é o bem e aí buscar a noção de conduta certa. Mas está interessado em entender a estrutura do agir moral e em identificar a sua raiz no próprio homem”.<sup>59</sup> A fundamentação metafísica, segundo ele, cede lugar ao embasamento meramente racional já que “a razão era capaz de criar por ela própria uma ética definidora do bem e do mal”.<sup>60</sup> Em suma, segundo

---

<sup>57</sup> KANT, Immanuel. *Critica della ragion pratica*. Trad. F. Capra. Bari: Laterza, 1983, p. 78.

<sup>58</sup> MADUREIRA. Op. cit., p. 118.

<sup>59</sup> NERI. Op. cit., p. 168.

<sup>60</sup> MADUREIRA. Op. cit., p. 126.

interpreta Reale: “Kant subverte precisamente os termos da questão [...] ou seja, é a lei moral que põe e faz ser o bem moral e não vice-versa”.<sup>61</sup>

É patente a nota relativista que transparece do pensamento kantiano, sobretudo da sua epistemologia e da sua moral, já desconexas de fundamentos metafísicos.<sup>62</sup> Contudo, como explicar a sua indiscutível popularidade? Corrobora os comentários de alguns críticos entre eles Gilson e Maritain. O primeiro afirma que é “por aquilo que Kant representa, porque em Kant é o ‘eu’ quem toma o lugar de Deus Criador”.<sup>63</sup> Já o segundo explica que “[Kant] substitui o Deus de Moisés, na qualidade da Razão pura, prática, com a condição de impor um mandamento absoluto vazio de todo o conteúdo”.<sup>64</sup>

## 2.8 O Relativismo na pós-modernidade

A temática do Relativismo atinge também o pensamento pós-moderno. A necessidade natural que possui o homem de buscar a Verdade e de se orientar na prática do Bem, tornam imprescindíveis as indagações acerca destes conceitos. Segundo afirma Ratzinger: “a questão da verdade é inevitável. Ela é indispensável ao homem e

---

<sup>61</sup> REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da Filosofia: de Spinoza a Kant*. Trad. Ivo Storniolo. 3. ed. v. 4. São Paulo: Paulus, 2009, p. 384.

<sup>62</sup> A esse respeito cabe lembrar o que comenta Sayes sobre a Moral kantiana: “Tenemos que hacer una pregunta obvia. ¿cuándo sé yo que mi obrar puede tener un valor universal? Cuáles son los criterios objetivos para ello? Y efectivamente Kant no los proporciona. Habría que recurrir por ello a la ley natural, común a todos los hombres porque está fundada objetivamente en las exigencias fundamentales de su naturaleza”. (SAYES. Op. cit., p. 225-226).

<sup>63</sup> GILSON, Étienne. *Elementos de filosofía cristiana*. Madrid: Rialp, 1981, p. 304.: “Cuántos profesores de filosofía podemos encontrar hoy que acepten como válida la tabla de categoría de Kant? Y contesta el mismo Gilson: por lo que Kant representa, porque en Kant es el yo el que toma el lugar de Dios creador”.

<sup>64</sup> MARITAIN, Jacques. *A Filosofia Moral: Exame histórico e crítico dos grandes sistemas*. Trad. Alceu Amoroso Lima. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1973, p. 136.

corresponde às decisões últimas de sua existência: existe Deus? Existe a verdade? Existe o bem?”.<sup>65</sup>

Contudo, tem sido uma indiscutível constante do pós-modernismo optar por uma atitude marcada pela negação da objetividade da Verdade, e, portanto, favorável à posição relativista, conforme explica Giustiniani: “a expressão pós-moderna parte do assunto que não existe nenhuma verdade objetiva e que, se acaso isto fosse possível, não poderíamos nem sequer conhecê-la, exprimi-la e comunicá-la”.<sup>66</sup>

Deve-se reconhecer que a principal oposição ao Relativismo contemporâneo se encontra nas considerações de Joseph Ratzinger e por isso os seus escritos serão de enorme valia.

Segundo este autor, o Relativismo assume na pós-modernidade algo de inovador: é o caráter de dogmatismo. Esta doutrina, de acordo com a concepção atual, não só favorece ao pluralismo, tanto ideológico quanto moral, mas exclui qualquer forma de pensamento que não seja conforme a ela. “Nos últimos tempos foi possível perceber que quanto mais o relativismo se torna uma forma de pensamento geralmente aceita, ele tende à intolerância, transformando-se em um novo dogmatismo”.<sup>67</sup>

Esta imposição relativista desencadeou na contemporaneidade uma profunda crise na consideração da Verdade e do Bem, que por sua vez, deitou influências nos âmbitos mais diversos: sociais, econômicos e até religiosos, dos quais somente este último será objeto de uma análise mais profunda. Onde estaria a solução para esta crise? O próprio

---

<sup>65</sup> RATZINGER, Joseph. *Fede, verità, tolleranza*. Siena: Cantagalli, 2003, p. 236.

<sup>66</sup> GIUSTINIANI, Pasquale. *Ontologia: Ripensare l'essere*. Casale Monferrato: Piemme, 1991, p. 83.: “L'espressione postmoderno, parte dall'assunto che non c'è alcuna verità oggettiva e che, se pure ci fosse, non potremmo né conoscerla, né esprimerla e comunicarla”.

<sup>67</sup> RATZINGER, Joseph. Lettera a Marcello Pera. In: PERA, Marcelo; RATZINGER, Joseph. *Senza Radici, Europa, relativismo, cristianesimo, islam*. Milano: Mondadori, 2005, p. 116.

Ratzinger responde a esta pergunta nos seguintes termos: “É preciso ter a ousadia de dizer: sim, o homem deve buscar a verdade, é capaz da verdade”.<sup>68</sup>

## 2.9 A atual crise da Verdade e do Bem

Como decorrência da filosofia pós-escolástica e da moderna, a pós-modernidade imergiu em uma profunda crise da Verdade. Ter diante da objetividade deste conceito uma atitude cética, parece a solução mais adequada para a humanidade atual, porém, ela acarreta – de modo irremediável - uma interpretação pluralista inclusive do Bem, desregulando, portanto, a Moral em sua base. Como adverte Ratzinger: “grande parte da filosofia atual consiste em dizer que o homem não é capaz da verdade. Mas, visto deste modo, tampouco seria capaz de uma ética. Não teria parâmetro algum”.<sup>69</sup>

Como resultado desta crise da Verdade, nota-se também um deprecimento da própria certeza, onde o homem chega até mesmo a pôr em dúvida as mais claras evidências. Em última análise, explica Plínio Corrêa de Oliveira, as ideias relativistas podem ser consideradas como um manifesto desvario. “O Relativismo é a loucura erigida em sistema comum de pensamento”.<sup>70</sup>

Ratzinger acrescenta, inclusive, que o Relativismo contemporâneo

---

<sup>68</sup> BENEDICTO XVI. *Luz del Mundo: El papa, la Iglesia y los signos de los tempos*. Trad. Roberto H. Bernet. Barcelona: Herder, 2010, p. 64.: “Por eso es preciso tener la osadía de decir: sí, el hombre debe buscar la verdad, es capaz de la verdad”.

<sup>69</sup> Ibid., p. 63-64.: “Gran parte de la filosofía actual consiste realmente en decir que el hombre no es capaz de la verdad. Pero, visto de ese modo, tampoco sería capaz de ética. No tendría parámetro alguno”.

<sup>70</sup> CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Palestra*. São Paulo, 01 abril. 1988. (Arquivo ITTA-IFAT). As matérias extraídas de exposições verbais – designadas neste trabalho, segundo sua índole, como “palestra” – foram adaptadas para a linguagem escrita.

depois de ter abusado do conceito da Verdade, chegou a relegá-lo completamente e que esta atitude é a mais ameaçadora porque possui um caráter eminentemente destrutivo.<sup>71</sup> Mas não só. A grande diferença do Relativismo moderno para o contemporâneo é que este é imposto tal qual uma ditadura, daí a origem do termo ‘ditadura do relativismo’.

O relativismo, isto é, [o] deixar-se levar “aqui e além por qualquer vento de doutrina”, aparece como a única atitude à altura dos tempos hodiernos. Vai-se constituindo uma ditadura do relativismo que nada reconhece como definitivo e que deixa como última medida apenas o próprio eu e as suas vontades.<sup>72</sup>

A influência dos filósofos modernos, principalmente de Kant, para o desenvolvimento desta crise atual é claramente encontrada no pensamento de Ratzinger.

Isto que foi dito a propósito do mundo físico, reflete também a segunda revolução “copernicana”, que se verifica em nossa atitude fundamental em relação à realidade: a verdade em si mesma, o absoluto, o verdadeiro ponto de referência do pensamento não é mais visível. Por esta razão, até mesmo do ponto de vista espiritual não existe um acima e um abaixo. Num mundo sem pontos fixos de referência, já não existem mais direções. Isto que olhamos como ponto de orientação, não se fundamenta sobre um critério verdadeiro em si mesmo, mas sobre uma decisão nossa.<sup>73</sup>

Torna-se patente que, de acordo com Ratzinger, a negligência em procurar os fundamentos absolutos, objetivos e metafísicos é clara

---

<sup>71</sup> Cf. BENEDICTO XVI. Op. cit., p. 63.

<sup>72</sup> RATZINGER, Joseph. *Homilia do Cardeal Joseph Ratzinger*. Missa Pro Eligendo Romano Pontifice. 18 de Abril de 2005. Extraído em: [http://www.vatican.va/gpll/documents/homily-pro-eligendopontifice\\_20050418\\_po.html#top](http://www.vatican.va/gpll/documents/homily-pro-eligendopontifice_20050418_po.html#top). Acesso em: 10 out. 2017. (Grifo nosso).

<sup>73</sup> RATZINGER, Joseph. *L'elogio della coscienza: la verità interroga il cuore*. Siena: Cantagalli, 2009, p. 19-20.

disposição relativista. Esta ideia também é partilhada por Plínio Corrêa de Oliveira.<sup>74</sup>

É oportuno acrescentar que a consideração do Bem, segundo o pensamento pós-moderno, já não mais se refere à sua dimensão ontológica – portanto, em função da finalidade do homem e da sua natural procura da felicidade – mas apenas enquanto um resultado comum de uma proposta social. Contudo, em uma análise desprovida de parâmetros objetivos, o Bem – e até mesmo a Verdade - poderiam ser facilmente tomados como uma opressão pela parte da maioria.<sup>75</sup>

Com isso, conclui-se que a crise contemporânea da Verdade e do Bem são resultados de uma concepção relativista destes conceitos. Como solucioná-la? Talvez o seguinte trecho da *Fides et Ratio*, onde se encontra ressaltada a importância das bases metafísicas para o conhecer e o agir responda a esta pergunta.

Ocorre [a necessidade de] uma filosofia de alcance autenticamente metafísico, isto é, capaz de transcender os dados empíricos para chegar, na sua busca da verdade, a algo de absoluto, definitivo, básico. Trata-se duma exigência implícita tanto no conhecimento de tipo sapiencial, como de caráter analítico; de modo particular, é uma exigência própria do conhecimento do bem moral, cujo fundamento último é o sumo Bem, o próprio Deus [...] Quero reivindicar a capacidade que o homem possui de conhecer esta dimensão transcendente e metafísica de forma verdadeira e certa, mesmo se imperfeita e analógica.<sup>76</sup>

---

<sup>74</sup> Cf. CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Palestra*. São Paulo, 18 jul. 1987. (Arquivo ITTA-IFAT).: “O Ecumenismo conduz, na ordem doutrinária, à negação da Verdade absoluta; ao relativismo total. Isto leva na ordem prática das coisas a um completo relativismo: ninguém crê em princípios absolutos, ninguém crê em doutrinas absolutas, ninguém discute seriamente doutrinas e princípios, porque é uma mera questão de gosto: a verdade absoluta não existe”.

<sup>75</sup> Cf. RATZINGER, Joseph. *Verdade, Valores, Poder*. Pedras-de-toque da sociedade pluralista. Braga: Franciscana, 2006, p. 57.

<sup>76</sup> JOÃO PAULO II. *Fides et Ratio*. n. 83. (Grifo nosso).

## 2.10 O Relativismo religioso

O Relativismo religioso tem sido provavelmente um dos temas mais abordados na pós-modernidade. A intrínseca relação dele com a objetividade da Verdade e do Bem, permite uma análise, ainda que breve, dos problemas essenciais que nele estão contidos.

É importante ressaltar que o Relativismo religioso pode ser definido como uma transposição do relativismo clássico, portanto filosófico e epistemológico, para o âmbito da religião.

Como explica Ratzinger, esta tendência relativista aparentemente defensora da tolerância, acaba por suprimi-la e apresenta sérios perigos para a humanidade contemporânea: “O fato de que em nome da tolerância se elimina a tolerância é uma verdadeira ameaça ante a qual nos encontramos”.<sup>77</sup> Ele acrescenta ainda que diante desta nova ‘ditadura do relativismo’ a posição da Igreja Católica não pode ser de conformidade, sob pena de perder até mesmo a sua própria identidade:

Por exemplo, quando em nome da não discriminação se quer obrigar a Igreja Católica a modificar a sua postura frente à homossexualidade ou à ordenação de mulheres, quer dizer que ela não deve viver mais a sua própria identidade e que, em lugar disso, faz-se de uma abstrata religião negativa um parâmetro tirânico a que todo o mundo deve aderir.<sup>78</sup>

Assim, torna-se peremptório que a Igreja Católica dê uma

---

<sup>77</sup> BENEDICTO XVI. Op. cit., p. 65.: “El hecho de que en nombre de la tolerancia se elimina la tolerancia es una verdadera amenaza ante la cual nos encontramos”.

<sup>78</sup> Loc. cit.: “Por ejemplo, cuando en nombre de la no discriminación se quiere obligar a la Iglesia católica a modificar su postura frente a la homosexualidad o a la ordenación de mujeres, quiere decir que ella no debe vivir más su propia identidad y que, en lugar de ello, se hace de una abstracta religión negativa un parámetro tiránico al que todo el mundo tiene que adherir”. (Grifo nosso).

fundamentação filosófica perene e segura e não efêmera e mutável.<sup>79</sup> O deixar-se guiar por qualquer ‘vento de doutrina’ – para utilizar a expressão repetida pelo próprio Joseph Ratzinger – acaba por considerar equivalentes crenças religiosas opostas, o que significa, segundo escreve Basset, que “um adepto de uma tradição religiosa deverá contar com o fato de que outras tradições dão testemunho de uma verdade diferente da sua”.<sup>80</sup> É por este motivo, conforme acrescenta este mesmo autor, que o Relativismo religioso só pode ser sustentado quando a Verdade Absoluta cede lugar às verdades relativas.<sup>81</sup>

Afirmar que o Relativismo religioso seja, atualmente, uma das mais evidentes manifestações do Relativismo filosófico não é descabido, pois a proposta de uma verdade mutável e pluralista faz com que a humanidade esteja imersa na incerteza, na dúvida e na confusão. A falta de definição dos conceitos de Verdade e de Bem resulta em atitude de inteiro permissivismo no pensar e no agir. Esta dura realidade já era percebida, nos anos 80, conforme as palavras pronunciadas por João Paulo II:

---

<sup>79</sup> Cf. DENZIGER, Enrique. *El agisterio de la Iglesia*. Trad. Daniel Ruiz Bueno. Barcelona: Herder, 1963, p. 43.: “Evidente es además que la Iglesia no puede ligarse a cualquier efímero sistema filosófico; los conceptos y términos que en el decurso de muchos siglos fueron elaborados con unánime consentimiento por los doctores católicos, indudablemente no se fundan en tan deleznable fundamento. Fúndanse, efectivamente, en los principios y conceptos deducidos del verdadero conocimiento de las cosas creadas, deducción realizada a la luz de la verdad revelada que, por medio de la Iglesia iluminaba, como una estrella, la mente humana”. (D-2311).

<sup>80</sup> BASSET. Op. cit., p. 254.

<sup>81</sup> Cf. Ibid., p. 254-255.: “A la cuestión de la verdad de las tradiciones religiosas se han dado tres respuestas clásicas: 1) todas son verdaderas; 2) una sola es verdadera; 3) todas son falsas. La primera respuesta, que se encuentra en la tradición hindú, sólo es posible en detrimento de la verdad específica de cada tradición, en nombre de una verdad absoluta, que se sitúa más allá de toda formulación. La segunda respuesta es la que caracteriza a las tradiciones de origen semítico, basadas en la revelación de Dios que es identificada con la verdad [...] La tercera respuesta, la del ateísmo de todos los tempos, no es posible más que en nombre de otra verdad, como el materialismo dialéctico”.

É necessário admitir realisticamente e com profunda e sentida sensibilidade que os cristãos hoje, em grande parte, sentem-se perdidos, confusos, perplexos e até desiludidos; foram divulgadas prodigamente ideais contrastantes com a Verdade revelada e desde sempre ensinada; foram difundidas verdadeiras heresias, em campo dogmático e moral, criando dúvidas, confusões e rebeliões; alterou-se até a Liturgia; imersos no “relativismo intelectual” e moral e por conseguinte no permissivismo, os cristãos são tentados pelo ateísmo, pelo agnosticismo, pelo iluminismo vagamente moralista, por um cristianismo sociológico, sem dogmas definidos e sem moral objetiva.<sup>82</sup>

Em *strictu sensu*, o Relativismo religioso possui graves consequências no campo filosófico e no âmbito metafísico, dentre os quais se destacam uma visualização equivocada de deformada da Verdade e do Bem.

### 3 CONCLUSÃO

Atingido o termo deste trabalho, no qual teve-se oportunidade de analisar a concepção relativista dos conceitos de Verdade e de Bem, pode-se verificar uma característica essencial que acompanhou o desenvolvimento histórico desta doutrina desde o declínio da Escolástica e que segue vigente até hoje: a negação da fundamentação metafísica destes conceitos.

Na transição pós-escolástica verificou-se um crescente movimento de ruptura entre a Fé e a Razão, e em consequência, entre a Teologia e a Filosofia, que suscitou em uma dupla interpretação da Verdade e do Bem, uma baseada na Fé e a outra na Razão, que não mais se

---

<sup>82</sup> JOÃO PAULO II. *Discurso do Papa João Paulo II aos Congressistas de “Missão ao Povo para os anos 80”*. 6 de fev. 1980. Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1981/february/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_9810206\\_missioni.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1981/february/documents/hf_jp-ii_spe_9810206_missioni.html). Acessado em: 26 out. 2017.

completavam, mas sim, se opunham.

Da filosofia moderna foram escolhidos dois autores principais: Descartes e Kant. O primeiro considerado o fundador da filosofia moderna e o segundo, o mais influente pensador desta época. Das ideias sustentadas pelo filósofo francês teve especial realce a sua denominada “dúvida metódica”, por onde ele sustentava que o conhecimento humano deveria ter como ponto de partida a dúvida universal, e por isso punha em descredito o papel da Verdade. Do filósofo de Königsberg foi considerada com mais vagar a sua “Revolução Copernicana”, como proposta de modificar as bases da epistemologia através da supressão da Metafísica, e em seguida, o seu modelo ético, que preconizava a primazia do dever e da obrigação em relação ao Bem.

O Relativismo na pós-modernidade foi estudado através dos aportes de Joseph Ratzinger, o qual tem o mérito de identificar a chamada “ditadura do relativismo”, isto é, a posição de dogmatismo que esta doutrina assumiu na contemporaneidade. Ainda de acordo com este autor, teve-se a oportunidade de fazer uma reflexão acerca do ecumenismo como uma nova forma do Relativismo, porém, concernente à esfera religiosa. Também foram de importante auxílio os contributos de Plínio Corrêa de Oliveira, o qual, tal como Ratzinger, assegurou a necessidade de reivindicar no homem a capacidade de conhecer a Verdade e de praticar o Bem.

Em suma, este trabalho apresentou uma proposta de solução em vista da postura relativista hodierna, isto é, a de firmar a fundamentação metafísica da Verdade e do Bem.

Santo Tomás afirma que “o Bem procede de uma causa perfeita,

enquanto o mal vem de um defeito qualquer”.<sup>83</sup> A perda da integridade do homem, imerso nos conceitos do Relativismo, fez com que a sua inteligência ficasse obscurecida para a Verdade e a sua vontade enfraquecida para a prática do Bem. Desta forma, ele se desviou do sentido último de sua existência, ou seja, a posse da felicidade.

Somente se certificando de conceitos imutáveis, perenes e seguros é que ele pode fazer luzir sua inteligência, fortalecer a sua vontade e orientar sua vida para o fim a que foi criado: Deus. O Relativismo, portanto, afasta o homem de atingir o seu objetivo, o seu fim último, a felicidade perfeita.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **História da Filosofia**. Trad. António Ramos Rosa e António Borges Coelho. 4. ed. Lisboa: Editorial Presença, 2000. v. 7.

\_\_\_\_\_. **História da Filosofia**. Trad. António Ramos Rosa. 5. ed. Lisboa: Editorial Presença, 2000, v. 6

\_\_\_\_\_. **História da Filosofia**. Trad. Armando Silva Carvalho. 5. ed. Lisboa: Editorial Presença, 2000, v. 4

AGOSTINHO DE HIPONA. Soliloquia. In: **Obras de San Agustín**. 3. ed. Madrid: BAC, 1957, v. 1.

\_\_\_\_\_. De libero arbitrio. In: **Obras de San Agustín**. Madrid: BAC, 1951, v. 3.

ALEJANDRO, José Maria de. **Gnoseología**. Madri: BAC, 1969.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Trad. Pietro Nasseti. Rev. Rosana Citino. São Paulo: Martin Claret, 2004.

---

<sup>83</sup> S. Th., II-II, q. 79, a. 4.: “Bonum est integra causa, malum autem ex singularibus defectibus”.

\_\_\_\_\_. **Metafísica**. Trad. Edson Bini. 2. ed. São Paulo: Edipro, 2012.

\_\_\_\_\_. **Metafísica**. Ensaio introdutório, texto em grego com tradução e comentário de Giovanni Reale. Trad. Marcelo Perine. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005, v. 2

BASSET, Jean Claude. **El Diálogo Interreligioso**. Trad. Miguel Montes. Bilbao: Desclée, 1999.

BLANCO SARTO, Pablo. **Joseph Ratzinger razón y cristianismo: la victoria de la inteligencia en el mundo de las religiones**. Madrid: Rialp, 2005.

BENTO XVI. **Caritas in Veritate**. Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/benedictxvi/pt/encyclicals/documents/hf\\_ben\\_xvi\\_enc\\_20090629\\_caritas-in-veritate.html](http://w2.vatican.va/content/benedictxvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben_xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html). Acesso em: 02 de jul. de 2017.

\_\_\_\_\_. **Luz del Mundo**: El papa, la Iglesia y los signos de los tempos. Trad. Roberto H. Bernet. Barcelona: Herder, 2010.

BERGHIN-ROSÈ, Guido. **Elementi di Filosofia: Morale**. 5. ed. Torino: Marietti, 1961.

BOURGET, Paul. **Le Démon du Midi**. v. 2. Paris : Librairie Plon, 1914.

CILLERUELO, Lope. Introducción General. In: **Obras de San Agustín**. Madrid: BAC, 1954, v. 7.

COMPOSTA, Dario. **I fondamenti della morale tomistica**. Rovigo: Istituto Padano di Arti Grafiche, 1982.

CORRÊA DE OLIVEIRA, Plinio. **Revolução e Contra-Revolução**. 6.ed. São Paulo: Retornarei, 2008.

\_\_\_\_\_. **Palestra**. São Paulo, 01 abr. 1988. (Arquivo ITTA-IFAT).

\_\_\_\_\_. **Palestra**. São Paulo, 04 nov. 1987. (Arquivo ITTA-IFAT).

DENZIGER, Enrique. **El Magisterio de la Iglesia**. Trad. Daniel Ruiz Bueno. Barcelona: Herder, 1963.

DESCARTES, René. **Discurso do Método**. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. In: CIVITA, Victor. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973. v. 15, p. 33-80.

\_\_\_\_\_. **Meditações**. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. In: CIVITA, Victor. Os Pensadores. v. 15. São Paulo: Abril Cultural, 1973, v. 15, p. 81-152.

\_\_\_\_\_. **Princípios da Filosofia**. São Paulo: Hemus, 1968.

\_\_\_\_\_. **Discorso sul Metodo**. Trad. Giuseppe M. Bonazzi e Giovanna Cairola. Torino: TET, 1960.

ELDERS, Leo J. **La metafisica dell'essere di San Tommaso d'Aquino in una prospettiva storica**. Trad. Angela Cacopardo. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1995, v.1.

FUENTES, Miguel Ángel. **Las Verdades Robadas**. Nueva York: IVE Press, 2006.

GILSON, Étienne. **Dios y la filosofía**. Trad. Demetrio Náñez. Buenos Aires: Emecé Editores, 1945.

\_\_\_\_\_. **El tomismo**: introducción a la filosofía de Santo Tomás de Aquino. Trad. Fernando Múgica Martinena. 4. ed. Pamplona: EUNSA, 2002.

\_\_\_\_\_. **Elementos de filosofía cristiana**. Madrid: Rialp, 1981.

GIUSTINIANI, Pasquale. **Ontologia: Ripensare l'essere**. Casale Monferrato: Edizioni Piemme, 1991.

HUIZINGA, Johan. **El otoño de la Edad Media**. Trad. José Gaos. 4.ed. Madrid: Alianza, 1982.

JOÃO PAULO II. **Fides et Ratio**. Disponível em:

[http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_14091998\\_fides-et-ratio.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091998_fides-et-ratio.html). Acesso em: 05 de nov. de 2017.

**Unifitalo em Pesquisa, São Paulo SP, v.13, n.2, jun/2023.**

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. Trad. Valério Rohden. In: CIVITA, Victor. Os Pensadores. Abril Cultural, 1974, v. 25, p. 7-98.  
\_\_\_\_\_. Critica della ragion pratica. Trad. F. Capra. Bari: Laterza, 1983.

KREEFT, Peter. **Sócrates encontra Descartes**. Trad. Gabriel Mellati. Campinas: Vide Editorial, 2012.

\_\_\_\_\_. **Sócrates encontra Kant**. Trad. Flavio Quintela. Rev. Isabela Leite. Campinas: Vide Editorial, 2014.

LE GOFF, Jacques. **Los Intelectuales en la Edad Media**. Trad. Alberto L. Bixio. 4. ed. Barcelona: Editorial Gedisa, 1996.

MADUREIRA, Diogo. **Maritain e Bento XVI sobre a Modernidade e o Relativismo**. Lisboa: Editorial Cáritas, 2014.

MARITAIN, Jacques. **A Filosofia Moral**: Exame histórico e crítico dos grandes sistemas. Trad. Alceu Amoroso Lima. 2.ed. Rio de Janeiro: Agir, 1973.

\_\_\_\_\_. **Humanisme Intégral**: Problèmes temporels et spirituels d'une nouvelle chrétienté. Ouvres Complètes, Paris: Saint Paul, 1990. v. 6.

MONDIN, Battista. **La Metafisica di S. Tommaso d'Aquino e i suoi interpreti**. Bologna: Studio Domenicano, 2002.

\_\_\_\_\_. **Manuale di filosofia sistematica**. Bologna: Studio Domenicano, 1999, v. 3.

NERI, Demetrio. **Filosofia Moral**: Manual introdutivo. Trad. Orlando Soares Moreira. São Paulo: Loyola, 2004.

PEROTTO, Alberto. **Storia della filosofia**: Per i licei classici. Torino: Società Editrice Internazionale, 1965. v. 1.

\_\_\_\_\_. **Storia della filosofia**: Per i licei classici. Torino: Società Editrice Internazionale, 1965. v. 2.

PIO XII. **Discours aux participants au congrès de la fédération**

**mondiale des jeunesses féminines catholiques**. Disponível em: <[https://w2.vatican.va/content/pius-xii/fr/speeches/1952/documents/hf\\_p-xii\\_spe\\_19520418\\_soyezbienvenues.html](https://w2.vatican.va/content/pius-xii/fr/speeches/1952/documents/hf_p-xii_spe_19520418_soyezbienvenues.html)>. Acesso em: 17 mar. 2017.

PROTÁGORAS. **Fragmenta**, n. 1. In: Die Fragmente der Vorsokratiker. Diels-Kranz (DK), 80B1, l. 6-7.

RATZINGER, Joseph. **Dios y el mundo**: Creer y vivir en nuestra época. Barcelona: Galaxia Gutenberg-Círculo de Lectores, 2002.

\_\_\_\_\_. Entrevista. In: ANTÚNEZ ALDUNATE, Jaime. **Crónica de las ideas**: en busca del rumbo perdido. Madrid: Encuentro Ediciones, 2001.

\_\_\_\_\_. **Fede, verità, tolleranza**. Siena: Cantagalli, 2003.

\_\_\_\_\_. **Homilia do Cardeal Joseph Ratzinger**. Missa Pro Eligendo Romano Pontifice. 18 de Abril de 2005. Extraído em: [http://www.vatican.va/gpII/documents/homily-pro-eligendo-pontifice\\_20050418\\_po.html#top](http://www.vatican.va/gpII/documents/homily-pro-eligendo-pontifice_20050418_po.html#top). Acesso em: 10 de out. de 2017.

\_\_\_\_\_. **L'elogio della coscienza**: la verità interroga il cuore. Siena: Cantagalli, 2009.

\_\_\_\_\_. Lettera a Marcello Pera. In: PERA, Marcelo; RATZINGER, Joseph. **Senza Radici**, Europa, relativismo, cristianesimo, islam.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia**: de Spinoza a Kant. Trad. Ivo Storniolo. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2009. v. 4

\_\_\_\_\_. **História da Filosofia**: do Humanismo a Descartes. Trad. Ivo Storniolo. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2005. v. 3.

\_\_\_\_\_. **História da Filosofia**: Filosofia pagã antiga. Trad. Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2003. v. 1.

\_\_\_\_\_. **História da Filosofia**: Patrística e Escolástica. Trad. Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2003. v. 2.

REIS ARRUDA, Lucia Cavalcante. A relação entre veritas e caritas em

conformidade com as observações de Joseph Ratzinger. In: HOHEMBERGER, Gilcemar; ASSUNÇÃO, Rudy Albino de. (Org.). **O primado do amor e da verdade**: o patrimônio espiritual de Joseph Ratzinger. São Paulo: Fons Sapientiae, 2016.

RENÉ, Simon. *Morale*. 11. ed. Paris: **Beauchesne et Ses Fils**, 1964.

SAYES, José Antonio. **Teología y Relativismo**: Análisis de una crisis de fe. Madrid: BAC, 2012.

SERTILLANGES, Antonin-Gilbert. **La Philosophie Morale de Saint Thomas d'Aquin**. Paris: Mouton, 1946.

SOCIEDAD Española De Defensa De La Tradición, Familia Y Propiedad. **España anestesiada sin percibirlo, amordazada sin quererlo, extraviada sin saberlo**. Madrid: Editorial Fernando III, 1988.

TOMÁS DE AQUINO, Santo. **A sindérese e a consciência**. Trad. Paulo Faitanin; Bernardo Veiga. Campinas: Ecclesiae, 2015.

\_\_\_\_\_. **Commento ai Nomi Divini di Dionigi**. Trad. P. Lorenzo Perotto. Bologna: Edizioni Studio Domenicano, 2004, v. 1.

\_\_\_\_\_. **Commento alle Sentenze di Pietro Lombardo**. Trad. Battista Mondin. Bologna: Edizioni Studio Domenicano, 2000, v. 6.

\_\_\_\_\_. **Commento alle Sentenze di Pietro Lombardo**. Trad. P. Roberto Coggi. Bologna: Edizioni Studio Domenicano, 2001, v. 4.

\_\_\_\_\_. **Suma contra os Gentios**. Trad. Maurílio José de Oliveira Camello. São Paulo: Loyola, 2016, v. 3.

\_\_\_\_\_. **Suma teológica**. São Paulo: Loyola, 2001, v. 1.

\_\_\_\_\_. **Suma teológica**. São Paulo: Loyola, 2002, v. 2.

\_\_\_\_\_. **Suma teológica**. São Paulo: Loyola, 2003, v. 3.

\_\_\_\_\_. **Suma teológica**. São Paulo: Loyola, 2005, v. 4.

\_\_\_\_\_. **Suma teológica**. São Paulo: Loyola, 2005, v. 6.

\_\_\_\_\_. Super Boethium de Trinitate. In: **Opera Omnia Sancti Thomae de Aquino**. Roma: Commissio Leonina. Paris: Les Éditions du Cerf, 1992, v. 50.

\_\_\_\_\_. **Verdade e Conhecimento**. Trad. Luiz Jean Lauand; Mario Bruno Sproviero. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VERNEAUX, Roger. **Epistemología General o Crítica del Conocimiento**. Trad. Luisa Medrano. 10. ed. Barcelona: Herder, 1999.

\_\_\_\_\_. **Histoire de la Philosophie Moderne**. 11. ed. Paris: Beauchesne et ses fils, 1963.